



## “Café, esse desconhecido”

Pio da Silva é um dos marechais da campanha para a produção de cafés finos, que ficou conhecida nos círculos cafeeiros com o nome de Movimento de Catanduva. Esse estudo de problemas cafeeiros teve oportunidade de aprofundar-se na matéria como gerente da Agência do Banco do Brasil, em Catanduva. Aproveitou essa oportunidade para o estudo não só dos problemas de crédito como da realidade cafeeira nacional em todos os seus setores e chegou à conclusão de que o maior entrave à expansão das nossas exportações era representado pela péssima qualidade do café. Pio da Silva, como bom comandante, não se limitou à constatação do fato. Foi além e liderou o Movimento de Catanduva. Mais tarde — em 1960 — foi estagiário da Escola Superior de Guerra e aproveitou o ensejo para levar a essa trincheira da nacionalidade conhecimentos mais amplos do problema, esclarecendo, eliminando dúvidas, combatendo tabus e superstições. Pio da Silva enfeixou em um volume essa preciosa soma de conhecimentos cafeeiros acumulados durante 20 anos, sob o título: “Café — Esse desconhecido”. O interesse despertado pela obra foi grande e já vai ela para a segunda edição. Valemo-nos da 1.ª edição, que nos foi gentilmente oferecida pelo autor, para destacar alguns tópicos. A propósito da qualidade do café brasileiro, observo a seguinte perito:

“Ao contrário de outros países que enveredaram para a produção de cafés finos, o Brasil, mais preocupado com a produção em massa, adotou sistema sul-gêneris para a venda do produto — a seleção e venda por tipos. Assim, o café, para ser vendido no mercado externo, é classificado nos seguintes tipos: 2, 2/3, 3, 3/4, 4, 4/5, 5, 5/6, 6, 6/7, 7 e 7/8, permitindo-se, ainda, 1% de impurezas. A tabela abaixo, organizada pelo Departamento de Produção Vegetal da Secretaria de Agricultura de São Paulo — Divisão de Economia Rural — Seção de Fiscalização e Classificação de Café, nos dá uma idéia da quantidade de impurezas e defeitos contidos numa saca de café de 60 kg, dos tipos 2 a 8:

Tipo 2	—	0,5 kg
3	—	0,7 kg
4	—	2,0 kg
4/5	—	2,5 kg
5	—	3,0 kg
5/6	—	4,5 kg
6	—	6 kg
6/7	—	8,0 kg
7	—	10,0 kg
7/8	—	14,5 kg
8	—	19,0 kg

Para se ter idéia do que isso representa na exportação de café, vamos focalizar a relativa ao ano de 1959, por tipo de café exportado, a fim de podermos chegar à conclusão da quantidade de impurezas e defeitos que foi mandada para o exterior:

TIPOS	Quantidade (1.000 sac.)	% s/o total
2	108	0,62
2/3	636	3,65
3	1.312	7,53
3/4	1.459	8,37
4	2.466	14,15
4/5	2.584	14,82
5	2.774	15,91
5/6	2.637	15,13
6	1.232	7,07
6/7	704	4,00
7	669	3,84
7/8	855	4,91
Total export. em 1959	17.436	100,00%

Como vemos no quadro retro, até o tipo 4, que são os melhores cafés, por conterem menos defeitos e impurezas, apenas se exportaram 34,22%, quando no ano de 1958 essa exportação atingiu o índice de 39,10%. Isto posto, vamos focalizar, no quadro seguinte, as quantidades de impurezas e defeitos contidos em cada tipo de café exportado no ano de 1959:

TIPOS	Quantidade (1.000 sac.)	Impurezas e defeitos contidos numa saca de 60 kg	Total (kg) de impurezas e defeitos exportados
2 e 2/3	744	0,5 kg	372.000 kg
3 e 3/4	2.771	0,7 kg	1.939.700 kg
4	2.466	2,0 kg	4.932.000 kg
4/5	2.584	2,5 kg	6.460.000 kg
5	2.774	3,0 kg	8.322.000 kg
5/6	2.637	4,5 kg	11.866.500 kg
6	1.232	6,0 kg	7.392.000 kg
6/7	704	8,0 kg	5.632.000 kg
7	669	10,0 kg	6.690.000 kg
7/8	855	14,5 kg	12.397.000 kg
	17.436		66.003.200 kg

O total de defeitos e impurezas exportado — 66.003.200 kg — corresponde a 1.100.053 sacas de 60 kg, ou 6,30% de nossa exportação. Isso quer dizer que, na realidade, exportamos, no ano de 1959, o



total de 16.335.947 sacas porque 1.100.053 sacas não eram café. O Bureau Pan Americano vem aconselhando os americanos a tomarem “um café mais café” e, no entanto, infelizmente, mandamos-lhes “um café menos café e mais 1 x 0”...

Enquanto, pois, crimosamente vamos mantendo esse sistema, nossos concorrentes tinham por vender seus cafés livres de qualquer impureza que possam prejudicar o seu paladar e, destarte não obtendo melhores cotações do que os nossos.

Enquanto nesses países — refere-se o autor à Colômbia, México, etc. — a colheita do fruto é feita em cereja, para depois sofrer o processo de despulpamento, secagem mecânica ou à sombra, rigoroso beneficiamento, seleção em máquinas eletrônicas e outros processos de aprimoramento do tipo e bebida a colheita no Brasil, na maioria das lavouras, é realizada pelos métodos primitivos, derrandando-se os grãos maduros, secos, verdes, etc., que vão juntar-se à terra àquele que já havia caído anteriormente e que se fermenta pelo contato de longos dias com a umidade e, em consequência, tornando-se um café prejudicado. A seca e beneficiamento, então, deixam muito a desejar. No quadro abaixo vamos verificar qual foi a exportação brasileira de café, por especificação de “BEBIDA”, realizada no ano de 1959:

Especificação de bebida	Quantidade (1.000 sac.)	% sobre o total
Mole .....	3.312	19,00
Dura .....	6.708	38,47
Riada .....	8	—
Rio — estilo Santos	3.447	19,82
Rio .....	3.961	22,71
	17.436	100,00%

Fonte: I. B. C.

A conclusão a que chegamos é a mais desoladora possível, pois só possuímos 19% de cafés de bebida “MOLE”. Assim, quando o mundo está a exigir café de bom paladar, ou os chamados “cafés suaves” da Colômbia, México, América Central, etc., o Brasil insiste em produzir cafés inferiores, de péssimo paladar, como o são os “Riados”, “Rio — estilo Santos” e “Rio”, que representaram 42,53% de nossa exportação do ano passado.”

### AS CRISES CAFEIRAS

Mais adiante observa:

“O café tem passado, e passará ainda, por graves crises. Elas coincidem justamente com os ciclos de superprodução. De 1825 a 1879 sucederam-se épocas de crise e de fartura. A 1.ª grande crise ocorreu na última década monárquica — 1882; e, em 1896, inicia-se novo e longo ciclo de crise, do que resultou, 11 anos depois, o “Convênio de Taubaté”. A penúltima, de caráter também internacional e que durou de 1930 a 1948, obrigou o País a arrancar 1 bilhão de cafeeiros, a queimar 80 milhões de sacas e gastar, na defesa, 4 bilhões de cruzeiros. É a última aquela que já entramos nela, foi retardada com as geadas de 1953 e 1955 e quando, em face de redução safra — a 56/57, que produziu apenas o total de 11 milhões de sacas — foi executado o esquema de valorização Oswaldo Aranha-Souza Dantas, elevando o preço mínimo ouro para 87 cents, a liberação, do que resultou rude golpe à economia nacional, não só pela retração do consumo e estímulo a novos plantios, como pelo fato dos importadores terem se dirigido a outras fontes de abastecimento.

